

Constituintes terão problemas de acomodação

Brasília — O troca-troca parlamentar, patrocinado pela Constituinte no Congresso Nacional, começa a dar trabalho às administrações do Senado e da Câmara. Renovado em pouco mais de 50% dos senadores e em quase 62% dos deputados, o time dos parlamentares constituintes que começa a se instalar em Brasília durante o mês de janeiro tem de encontrar, além de gabinetes no Congresso, lugar para morar. Como apartamentos funcionais suficientes são o pesadelo das novas legislaturas, os fantasmas estão à solta pela cidade.

Fora o pequeno número de apartamentos — a Câmara tem um déficit de 55 imóveis para deputados —, não foram esquecidos exemplos como o do ex-senador Evandro Carneira, do PT do Amazonas. Ao perder o mandato em 1982, o senador deixou o imóvel que ocupava em tal estado de destruição que foram necessários meses para que o apartamento fosse colocado novamente em condições de ser habitado. A angústia desse período levou a Câmara a instituir o auxílio-mudança: Cz\$ 50 mil para o parlamentar não reeleito que deixasse o apartamento até fins de 86.

O diretor-geral da Câmara, Aldemar Sabino, garante que dos 186 deputados que perderam o mandato e, portanto, a moradia, quase 100 já devolveram os apartamentos funcionais. O processo de vistoria, executado pelas subcomissões de engenharia e patrimônio, apenas começou, mas, por ora, segundo Sabino, não há motivos para preocupações. Mesmo que todos os imóveis sejam logo devolvidos e estejam em bom estado, dos 301 novos deputados que virão morar em Brasília, de início 55 terão que ser acomodados em hotéis.

O critério de escolha será o estado civil: os solteiros serão os primeiros a não ter direito a

apartamento. Deverão receber uma ajuda de custo de cerca de Cz\$ 10 mil mensais para morar em hotel. Além destes, há também os parlamentares casados que não pretendem trazer a família para Brasília. Serão também acomodados em hotel. "Na legislatura anterior" — conta Sabino —, "dos 479 deputados, 105 viveram em hotel, e a experiência não desagradou à maioria".

No Senado, que precisa receber 39 novos parlamentares — entre estes, os três do Distrito Federal —, dos 36 senadores que estão deixando mandato nenhum devolveu até agora o apartamento em que vivia. Ainda não expirou o prazo de dois meses contados desde a computação final do resultado das eleições para a devolução do imóvel. E, segundo Lourival Zagonel, diretor-geral do Senado, há a expectativa de que muitos entreguem as chaves nesta segunda-feira.

A matemática da moradia

Matematicamente, não haverá problemas de moradia para os senadores. Apesar de ter, até a legislatura anterior, 69 integrantes, o Senado já possuía, por coincidência, 72 apartamentos. "O excesso era utilizado" — conta Zagonel — "em casos como o do ministro Jorge Bornhausen, que, mesmo depois de ganhar a pasta da Educação, preferiu continuar morando no apartamento de senador." Como os três senadores eleitos por Brasília — Meira Filho e Pompeu de Souza, do PMDB, e Maurício Corrêa, do PDT — já informaram que vão continuar morando em suas casas próprias, a direção do Senado espera não ter problemas.

Dos seis senadores eleitos governadores, três teriam mais quatro anos de mandato — Álvaro Dias, do Paraná, Hélio Gueiros, do

Pará, e Marcelo Miranda, do Mato Grosso do Sul. Seus apartamentos em Brasília deverão ser ocupados pelos suplentes que tomarão seus lugares no Senado: Leite Chaves, no lugar de Álvaro; João Meneses, no de Gueiros; e Mendes Carvalho, no de Marcelo. Pedro Simon, eleito governador no Rio Grande do Sul, Alberto Silva, no Piauí, Henrique Santillo, em Goiás, já tinham substituição prevista porque seus mandatos iam só até 1986.

Para a Câmara, com maiores dificuldades para receber seus novos membros, há uma esperança: entre os novos constituintes, existem muitos casais — como Gerson e Rita Camata, do PMDB do Espírito Santo, e Irapuã e Vera Lúcia Costa, do PMDB de Goiás; no caso de senadores com mulheres deputadas, o natural é que cada casal ocupe um só imóvel. Como os apartamentos destinados a senadores — todos localizados na Superquadra Sul 308 — são maiores que os dos deputados, a esperança é que as mulheres abram mão de seus imóveis, sobrando algumas residências para cobrir o déficit da Câmara.

A dança dos gabinetes.

Para acomodar no Congresso os três novos senadores do Distrito Federal, o Senado precisou mudar de lugar a liderança do PDS na casa. Acomodado há muitos anos no térreo, o líder do partido no Senado, Jarbas Passarinho, aceitou transferir-se para o 17º andar do prédio para que os novos gabinetes necessários ocupassem seu antigo endereço. "O senador" — conta Lourival Zagonel — "entendeu que seria mais prático abrir os gabinetes para o pessoal de Brasília nas salas que usava anteriormente. Não reclamou de ter que subir dezessete andares".

Na Câmara, como só foi necessário arrumar mais oito gabinetes, também destinados à representação de Brasília, matematicamente o problema está resolvido: foram conseguidas mais oito salas no anexo 4, um prédio de dez andares, conhecido como "Serra Pelada" por ser pintado de amarelo-ouro, e que, contruído ao lado do Congresso, há duas legislaturas abriga a maior parte dos gabinetes de deputados.

Mas se numericamente a questão já teve solução, restará para início da próxima legislatura adequar os gabinetes às preferências de seus 301 novos ocupantes. O deputado Artur da Távola, do PMDB do Rio, por exemplo, prefere um gabinete em andar baixo, mas chegará a Brasília no fim deste mês sem ter a menor idéia do que lhe está destinado. "Não conheço a direção da Câmara, muito menos eles têm idéias de minhas necessidades. Espero que cheguemos a um consenso".

Para aliviar as agruras da mudança, o Senado e a Câmara criaram grupos de trabalho com a responsabilidade de ajudar os parlamentares novos em sua adaptação à capital federal. Esses funcionários, além de orientar a ocupação das novas residências, estão dispostos também a procurar escolas para os filhos dos eleitos, além de encarregados de familiarizar senadores e deputados estreantes com o funcionamento do Congresso Nacional.

"O Congresso" — reconhece Lourival Zagonel — "é um labirinto grande demais. A maior parte dos novos parlamentares jamais precisou andar pelo prédio, alguns nunca sequer o visitaram. Precisam, portanto, quase que de um guia de turismo até conseguirem se sentir em casa."

Deputado